

Oi pessoal,

Na próxima sexta, 05/07, estaremos na Sala Interartes do IACS a partir de 14h. Entre outras coisas, veremos o filme:

FRÁGIL EQUILÍBRIO (direção de Guillermo García López, Espanha, 2016, 81 min)

"Três histórias em diferentes continentes se entrelaçam: dois executivos em Tóquio cujas vidas estão presas no ciclo vicioso do consumismo e do trabalho exaustivo, uma comunidade subsaariana que arrisca sua vida diariamente para atravessar para o Primeiro Mundo, e famílias na Espanha despejadas pela crise econômica e pela especulação imobiliária. Essas histórias são articuladas pelas palavras de Pepe Mujica, ex-presidente do Uruguai, que trata de questões universais que ameaçam a humanidade, questionando as bases do mundo em que vivemos."

No último encontro nos aproximamos novamente do som. Primeiro, com a seguinte dinâmica:

- Um metrônomo faz uma marcação de tempo para o grupo, que se organiza em roda;
- As luzes são apagadas;
- Cada um adiciona os sons que se sentir à vontade;
- Alguém fica livre pela sala com um gravador.

A proposta foi parecida com a que fizemos no encontro do dia 03/05, mas dessa vez partimos de uma base comum. A relação com o cinema, sobretudo com o cinema documentário, é grande: essa base comum acaba colocando certas determinações sobre as invenções. Com a câmera, o mundo está aí e apenas o filmamos; a criação se dá a partir de uma matéria prima que é o mundo mesmo. O desafio da criação cinematográfica é partir daquilo que é dado. Na dinâmica que fizemos, a marcação de tempo que nos era colocada demandava um certo respeito, mas também um jogo: inventar sons e ritmos a partir de uma marcação que já estava lá. Depois, ouvindo as gravações, percebemos esse jogo mais na construção coletiva que nas manifestações individuais, embora, enquanto inseridas no coletivo, estas tenham ou trazido momentos de quebra (célebre grito repentino) ou encadeado algum movimento no resto do grupo (sons que se repetiam e criavam padrões). Importante também o deslocamento do gravador, que nos levava mais pra perto ou mais pra longe das fontes de som e criava toda uma configuração e registro do espaço com isso.

Ainda fizemos algumas relações com o Como Perder Amigos e audiolivros que usam efeitos sonoros para criar atmosferas de cenas ou ilustrar passagens. Nessa linha, discutimos também o papel do som no cinema: por um lado, o som sozinho possui uma abertura grande de significados; por outro, seu elemento verbal traz marcações bem mais certas. Frequentemente, a relação entre som e imagem no cinema, principalmente no cinema comercial norte-americano, se dá por meio da limitação de significados: ou com sons que reiteram as imagens ao invés de questioná-las e abri-las, ou com imagens que determinam um som que sozinho seria polivalente (vídeo: chuva ou bacon?), ou com sons que explicam as imagens ambíguas, etc. Falamos rapidamente da “Declaração sobre o futuro do cinema sonoro”, resposta soviética aos primeiros “filmes falados” feitos nos Estados Unidos. O texto, assinado por Eisenstein, Pudovkin e Alexandrov, apontava que o som trazia uma riqueza de possibilidades para o cinema, e que por isso mesmo seria um erro deixar de usá-lo como um elemento de montagem capaz de sobrepor e justapor as imagens para usá-lo de forma naturalista e reiterativa.

Depois, partimos da proposta de dispositivo:

- Escolher uma palavra da classe dos adjetivos.
- Ficar com ela um pouco. Todos fazem silêncio por alguns minutos.
- Esquecer a palavra.
- Fazer um vídeo de 30 a 60 segundos.

Foi a proposta mais aberta que lidamos até agora. Geralmente as propostas do projeto vêm com limites e orientações mais claras em cima do fazer; dessa vez vieram antes. A ideia era simplesmente produzir um vídeo sentindo alguma coisa, por menor que fosse. No caso da criação audiovisual, passamos por um período de banalização da produção; a criação comovida é uma maneira forte de deslocar isso. Acabamos mobilizando alguns novos olhares, ora pelo enquadramento, ora pelas relações de montagem, ora pela duração dos planos. Também fizemos ótimas experimentações com o som: vimos os filmes sem som, depois com som, e depois misturando as imagens com os sons da dinâmica anterior... o que queriam os cineastas soviéticos – na prática!

Obrigado pela presença de todos e até a próxima,

beijos!

Keven